

## ARQUITETURA INDÍGENA: ORGANIZAÇÃO DAS CASAS

Luiza Melo Fortunato<sup>1</sup> (IC), Maria Geralda Moreira<sup>2</sup> (PQ), Thalia Stéfany Lima Correia<sup>3</sup> (IC).  
luizamfs10@hotmail.com<sup>1</sup>

Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Iporá

### RESUMO

Resultado dos estudos das bolsistas do Pibid de História, com a finalidade de realizar oficinas temáticas, o presente texto tem como objetivo analisar a arquitetura usada por diferentes grupos indígenas para construir suas moradias, desconstruindo assim, a ideia única de casa, apresentando as diversas possibilidades com que esses povos podem organizar suas moradias e reflexões acerca das oficinas realizadas. A casa é carregada de significado, simbologia e desempenha um papel importante na construção do ser humano em sua noção de espaço. Sendo assim, a organização social é responsável por definir a forma comportamental dos cidadãos dentro de determinado grupo. As oficinas realizadas buscavam romper com a generalização que é construída sobre a cultura indígena brasileira, abordando de forma explicativa as diferentes organizações de moradias possíveis, destacando as particularidades que cada grupo possui.

**Palavras-chave:** Arquitetura. Casa. Povos Indígenas. Diversidade.

### Introdução

O campo de estudo destinado à população indígena vem conquistando avanços, com estudos cada vez mais aprofundados sobre as sociedades indígenas. Sociedades essas que se subdividem em grupos étnicos e compartilham de uma herança cultural comum, formando assim um grupo que “alimentam uma crença subjetiva em uma comunidade de origem fundada nas semelhanças de aparências externas ou dos costumes [...] de modo que esta crença torna-se importante para a propagação da comunalização” (WEBER, [1921] 1971 *apud* BARTH, 2011, p. 37). Contudo, a inexistência dos costumes e elementos concretos não impede a existência da identidade étnica, pois de acordo com Barth (2011) esta identidade tem como âncora o sentimento de pertença, as relações de sociabilidades, as teias de significados compartilhados pelos sujeitos.

O modo como vivem os povos indígenas no Brasil não é padronizado, existem cerca de trezentas etnias indígenas diferentes, cada uma delas com sua própria religião, língua, rituais, pintura corporal e diferentes práticas da agricultura. Os que apresentam traços semelhantes são aqueles que compartilham uma língua parente, que pertencem a um mesmo tronco linguístico e cujos rituais danças e até mesmo as vestimentas podem se aproximar.

A casa é carregada de valores e simbologias, tendo um sentido muitas vezes associado às imagens (lembranças). Ela é uma espécie de primeiro contato que o ser humano tem com seu canto no mundo, sendo seu espaço de individualidade, uma espécie de universo particular. Nela é guardado um grande

número de lembranças, em que se integram os pensamentos do indivíduo que ele resgata ao longo da vida, sendo então, um espaço carregado de simbologia, que dá ao homem uma noção ou ilusão de estabilidade (BACHELARD, 2008).

Pode-se dizer que a oficina *Arquitetura Indígena: organização das casas*, teve como foco desconstruir a ideia única de casa indígena e mostrar as diferentes formas com que estes povos podem organizar sua moradia. As formas das casas refletem como o grupo se organiza cultural e socialmente, e os diferentes aspectos culturais, como a dança, crenças, e rituais, que diferenciam as construções de uma etnia da outra.

### Material e Métodos

O método empregado para o planejamento e desenvolvimento da oficina *Arquitetura Indígena: organização das casas* consistiu em: leitura de livros e artigos (colocados na referência logo abaixo), análise dos mesmos, pesquisas, confecção de material concreto e reuniões uma vez por semana com a Coordenadora de Área. Realizadas as leituras teóricas, foi construído o projeto de oficina e na sequência confeccionou-se o material concreto (desenhos, jogos, marca página, slides) a serem usados nas oficinas realizadas.

As ações foram desenvolvidas de modo que pudessem contribuir para ampliar o conhecimento dos bolsistas responsáveis por ministrarem a oficina e dos (as) alunos (as) da escola parceira que participaram da oficina. Esta atividade ocorreu em duas ocasiões diferentes e foi executada com os (as) alunos (as) do 7º ano do Ensino Fundamental do Colégio Estadual de Aplicação de Tempo Integral, escola parceira do Pibid de História. Assim, a opção por uma metodologia que integrou debates e materiais concretos objetivou dinamizar a oficina e envolver os (as) alunos (as) na atividade.

### Resultados e Discussão

As sociedades indígenas mais numerosas dão o nome de *aldeia* para o conjunto de casas construídas num espaço mais próximo que ordenam o modo de viver (MUNDURUKU, 1997), sendo assim, os formatos das aldeias são variados e as habitações estão dispostas de acordo com o modo como eles se relacionam uns com os outros. Muitas vezes nos é passado nas escolas, na televisão e em alguns livros, que os índios moram em ocas, que são casas construídas com madeira, entretecida e coberta por fibras vegetais, de modelo circular e são moradias de uma

ou mais famílias. Porém, há uma grande variedade de tipologias de casas existentes, dentre elas encontra-se a casa antropomorfa e circular.

A casa antropomorfa é o modelo mais usado entre os indígenas do Parque Indígena do Xingu, situado na porção nordeste do estado do Mato Grosso. O Parque foi criado em 1961, pelo Governo Federal, tendo como seus principais idealizadores os irmãos Villas Boas. Dentre as diversas etnias que habitam o Parque do Xingu, temos a etnia Kamaiurá. A aldeia Kamaiurá segue o modelo das demais aldeias alto-xinguanas, com casas dispostas mais ou menos circularmente.

A construção da casa grande é um evento e conta com o trabalho de treze homens por cerca de quinze dias. Para sua construção são utilizados bambus, pregos, madeira de eucalipto, palha e arame. Cerca de quarenta e oito tocos de eucalipto, três troncos maiores, além de mais de treze mil palhas para a cobertura. A finalização dos trabalhos de construção da casa é comemorada com festa. A casa grande tem doze metros de largura, trinta de comprimento, dez metros de altura e comporta cerca de oito famílias, sendo a mesma um espaço comunal utilizado por todos para dormir, comer e confraternizar.

O formato da casa antropomorfa corresponde à forma do corpo masculino de um homem ou animal. A base de casa é chamada de 'pés', os esteios principais são as 'pernas', a fachada principal é relacionada ao 'peito' e a fachada posterior é considerada como as 'costas', os "pés" da casa são considerados como sendo o trecho junto do solo, os semicírculos laterais correspondentes aos setores íntimos da casa, são chamados as "nádegas", a cumeeira está relacionada ao 'alto da cabeça' e/ou 'testa', as ripas são as 'costelas' da casa e a palha ao que reveste, os cabelos ou pelos (ALMEIDA; YAMASHITA, 2013).

Um elemento vertical, destinado ao escapamento da fumaça interior produzida, ganha o nome de "dentes". Lateralmente, e acima deles, são dispostos os brincos. A região imediatamente inferior a este conjunto de dentes e brincos da construção é conhecida como o pescoço. A porta principal é uma "boca" da casa. A porta secundária, que dá saída para o exterior da aldeia, é o lugar por onde saem os detritos e o lixo, talvez seja o "anus" da casa (ALMEIDA; YAMASHITA, 2013).

A casa circular é o modelo usado pela etnia Ye'kuana, um povo indígena que vive às margens dos rios Auaris e Uraricoera, em Roraima. Sua aldeia se configura por zonas compostas por círculos concêntricos, tendo ao centro a casa

comunal (maloca) que possui uma base redonda e teto em forma de cone. A maloca pode abrigar cerca de sessenta pessoas e é dividida internamente em seções circulares: *annaca* e *asa* (ANDRADE, 2007).

Segundo Andrade (2007), rodeando a maloca, há um espaço chamado *jororo*, que é usado para reuniões das mulheres. Seguindo a configuração espacial da aldeia, encontram-se as casas de trabalho, sendo uma para cada família extensa, onde, nessas pequenas casas, as mulheres ralam a mandioca, cozinham e costuram e os homens realizam os trabalhos artesanais. Existe uma horta para cada família extensa, onde se cultivam o tabaco, algodão, cana-de-açúcar e plantas medicinais.

A maloca é circular, com paredes de barro e uma telhado cônico de palha; dentro da casa a área central é deixada livre para as cerimônias, com bancos para os homens conversar e os pajés fazerem curas. Esta área central é fechada por uma parede de palha, e o espaço entre esta parede e a parede exterior é dividido em compartimentos, cada um para uma família estendida. Os compartimentos de famílias representam as oito camadas do céu em que habitam os espíritos (Mekler).

O esteio central da maloca é a entrada simbólica aos níveis. A maloca (*ättã*) representa o universo, o telhado cônico em cima é construído de palha *wahu*, representando o Lago de Imortalidade. A parte do telhado mais baixo feito de palha *maahiyadi* representa as seis casas dos espíritos e dos mestres dos animais. Dentro há duas traves atravessando o interior que estão representando os extremos da terra, e os caibros representam outras estruturas do céu (ANDRADE, 2007). Nesse sentido, percebe-se, a partir dos dois casos analisados acima, que a casa indígena é carregada de significados, simbologias e desempenha um papel importante na construção do ser humano em sua noção de espaço. No caso dos Ye'kuana, a casa permite uma relação direta com o cosmo, com os espaços sagrados.

### Considerações Finais

Os estudos teóricos realizados para organizar e promover a oficina *Arquitetura Indígena: organização das casas*, com foco nas etnias Kamaiurá e Ye'kuana contribuíram para ampliar o olhar dos bolsistas acerca das diferenças étnicas dos povos indígenas que se evidencia em diferentes materiais concretos, como é o caso das moradias e essa abordagem foi apresentada e discutida com os(as) alunos(as) da escola parceira do Subprojeto do Pibid de História. Nesse

sentido, o desenvolvimento da oficina teve como foco apresentar e discutir com os (as) alunos (as) a diversidade étnica dos grupos indígenas no Brasil por meio das diferentes técnicas, materiais, arquitetura e simbologias, buscando romper com as generalizações presentes na memória social sobre a cultura dos povos indígenas do Brasil, evidenciando as diferenças existentes de uma etnia para outra.

### Referências

ALMEIDA, F. W. YAMASHITA, A. C. **Arquitetura indígena**. Revista de Ciências Exatas e da Terra UNIGRAN, v2, n.2, 2013. Disponível em: [http://www.unigran.br/ciencias\\_exatas/conteudo/ed3/artigos/02.pdf](http://www.unigran.br/ciencias_exatas/conteudo/ed3/artigos/02.pdf). Acesso em 15 de março de 2016.

ALMEIDA, Maria Regina C. **Os Índios na História do Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

ANDRADE, Karenina V. **A Ética Ye'kuana e o Espírito do Empreendimento**. 2007. 169 f. Tese (doutorado Antropologia) – Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/2683/1/A%20etica%20Ye%20kuana%20e%20o%20espírito%20do%20empreendimento.pdf>. Acesso em 15 de julho de 2016.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Martins Editora, 2008.

MELLATI, Júlio Cezar. **Índios do Brasil**. São Paulo: HUCITEC, 1994.

MUNDURUKU, Daniel. **Histórias de índio**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1996.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. 2. ed. – São Paulo: Unesp, 2011.